

RELATO DE CASO

ESPOROTRICOSE NA ESPÉCIE CANINA: RELATO DE UM CASO NA CIDADE DE MOSSORÓ, RN

KILDER DANTAS FILGUEIRA¹

1. Médico veterinário do Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido. E-mail: kilderfilgueira@bol.com.br

RESUMO

A esporotricose é uma micose causada pelo *Sporothrix schenckii* e pouco frequente em cães. A confirmação diagnóstica é por isolamento fúngico em meio de cultura, mas este procedimento pode ser difícil em caninos infectados. Em virtude de ser rara nesta espécie, por possuir diagnóstico definitivo difícil e pela carência de relatos da doença no Nordeste brasileiro, o presente trabalho objetivou a descrição de um caso de esporotricose canina, na cidade de Mossoró, RN. Uma cadela, de três anos de idade, apresentava lesões cutâneas crônicas. O animal era alojado em quintal com areia, plantas e felinos peridomiciliados. O exame

dermatológico demonstrou alopecia e nódulos subcutâneos cervicais. Exame citológico, raspado cutâneo para pesquisa de ácaro, sorologia para leishmaniose e cultura fúngica foram solicitados. O resultado sorológico foi não reagente e o raspado exibiu negatividade. Porém, a citologia evidenciou estruturas, no citoplasma de macrófagos, sugestivas de *S. schenckii*. O isolamento do fungo em cultura confirmou o diagnóstico de esporotricose. Fez-se o tratamento com itraconazol. A inclusão constante da esporotricose para o diagnóstico diferencial de pápulas, nódulos e ou úlceras cutâneas é fundamental na espécie canina.

PALAVRAS-CHAVES: Canino, dermatologia, esporotricose, Mossoró.

ABSTRACT

SPOROTRICHOSIS IN THE CANINE SPECIES: A CASE REPORT ON CITY OF MOSSORO, RN

Sporotrichosis is a mycosis caused by *Sporothrix schenckii* and little frequent in canines. The diagnosis confirmation occurs by fungal isolation in culture medium, but this procedure can be difficult on infected dogs. Because it is rare in canines, its definitive diagnosis is difficult to achieve and due to a lack of reports about the disease in the northeast region of Brazil, the present study aimed to describe a canine sporotrichosis case, in the city of Mossoro, RN. A three-year-old female canine presented chronic cutaneous injuries. The animal was lodged at the backyard, in touch with sand, plants and felines. The dermatological

examination showed alopecia and cervical subcutaneous nodules. Cytology, scraping, serology for leishmaniasis and fungal culture were requested. The serological result was not reagent and the scraping showed negative. However, cytology evidenced suggestive structures of *S. schenckii* on macrophages cytoplasm. The fungal isolation confirmed the sporotrichosis diagnosis. The treatment corresponded to itraconazole. The constant inclusion of sporotrichosis for papules differential diagnosis, nodules and/or cutaneous ulcers is basic on canine species.

KEY WORDS: Canine, dermatology, sporotrichosis, Mossoro.

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose subcutânea granulomatosa a piogranulomatosa (FARIAS, 2000; CHIESA, 2007) de evolução subaguda ou crônica (SCHUBACH & SCHUBACH, 2000; SANTOS et al., 2005), causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*. Este microrganismo existe como saprófita no solo e debrís orgânicos (SCOOT et al., 1996). Encontra-se amplamente disperso na natureza, especialmente em climas temperados e tropicais (SCHUBACH & SCHUBACH, 2000). O reino vegetal constitui a maior fonte de contágio, sem predileção por alguma planta ou vegetação (BRUM et al., 2007).

A esporotricose é uma antropozoonose e corresponde à micose subcutânea humana mais comum na América Latina (SONODA et al., 2006; BRUM et al., 2007). É pouco frequente entre os caninos, mas já ocorreram relatos nas regiões Sul (MADRID et al., 2007) e Sudeste do Brasil (RAMADINHA et al., 2006; SONODA et al., 2006). Em cães, a forma cutânea é a mais comumente relatada, caracterizada por nódulos firmes e múltiplos, placas ulceradas com bordas elevadas ou áreas anulares crostosas e alopecias (SCOOT et al., 1996). Para a confirmação diagnóstica, faz-se necessário o isolamento do *S. schenckii* em meio de cultura (SCHUBACH & SCHUBACH, 2000). Entretanto este isolamento pode ser difícil em cães infectados (MEDLEAU & HNILICA, 2003). Além disso, a esporotricose possui um amplo número de diagnósticos diferenciais, como o complexo granuloma eosinofílico, abscesso, leishmaniose, demodicidose, escabiose, actinomicose, nocardiose, tuberculose, histoplasmose, criptococose, corpo estranho, neoplasias (SCHUBACH & SCHUBACH, 2000; GREMIÃO et al., 2005). Em virtude de a doença ser incomum e rara em cães, por possuir um diagnóstico definitivo difícil, e dada a carência de relatos dela na região Nordeste do Brasil, o presente trabalho objetivou a descrição de esporotricose cutânea em um canino, na cidade de Mossoró, RN.

MATERIAL E MÉTODOS

Atendeu-se, no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (localizado na cidade de Mossoró, RN), no mês de agosto de 2006, uma cadela, de três anos de idade, sem raça definida, com 18 kg. A paciente apresentava histórico de lesões de pele há aproximadamente dois anos, sendo realizados vários tratamentos anteriores, porém sem sucesso. O animal encontrava-se alojado em um quintal de areia, com presença de plantas e de felinos peridomiciliados. O canino foi submetido a exame físico de rotina e exame dermatológico. Diante das alterações cutâneas encontradas, solicitaram-se exames complementares. Para tanto, procedeu-se à citologia por punção aspirativa com agulha fina, raspado cutâneo para pesquisa de ácaro, sorologia para leishmaniose (pelos métodos de imunofluorescência indireta e ELISA) e cultura fúngica em meio ágar Sabouraud dextrose acrescido a cloranfenicol e cicloheximida, incubado a 25 e 37°C.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as alterações dermatológicas encontradas verificou-se a presença de alopecia e múltiplos nódulos subcutâneos, envolvendo apenas a região cervical dorsal e esternocefálica (Figura 1). Alguns destes estavam ulcerados e com trajetos fistulosos que exsudavam secreção purulenta e hemorrágica enquanto que outros exibiam áreas de cicatrização. As lesões eram indolores e levemente pruriginosas. O exame sorológico revelou-se negativo para leishmaniose e o raspado cutâneo foi negativo para ácaros. A análise citopatológica evidenciou uma inflamação granulomatosa, caracterizada por numerosos neutrófilos íntegros e degenerados de permeio a macrófagos espumosos, eosinófilos e células multinucleadas. Coexistia a presença de microrganismos arredondados, variando aproximadamente de 2 a 10 µm de comprimento, no citoplasma de macrófagos. Estas estruturas intracitoplasmáticas possuíam padrão morfoló-

gico sugestivo de *S. schenckii* (Figura 2), semelhantes à descrição de SCOOT et al. (1996). O diagnóstico de esporotricose foi confirmado com o isolamento do fungo em cultura. As colônias obtidas a 25°C apresentavam coloração castanha e exibiam, microscopicamente, uma forma filamentosa e no cultivo a 37°C possuíam cor variando de branco a amarelo, com micromorfologia leveduriforme.



FIGURA 1. Nódulos subcutâneos na região cervical dorsal exibindo áreas de alopecia e ulceração.

Em cães não ocorre predisposição etária ou sexual para a esporotricose. Entretanto, trata-se de micose subcutânea que é mais comumente observada em animais caçadores (FARIAS, 2000), o que sugere infecção por objetos pontiagudos como espinhos ou lascas de madeira (BRUM et al., 2007). Classicamente, a esporotricose cutânea ocorre pela inoculação traumática do fungo, que é encontrado no solo, matéria orgânica e em plantas (GREMIÃO et al., 2005), ou ainda pela mordedura, arranhadura ou contato direto com exsudato de lesões de animais infectados (RAMADINHA et al., 2006). Três a cinco semanas após a inoculação aparecem as lesões típicas, como tumefações papulares ou nodulares, alopécicas e ulce-

O animal foi tratado com itraconazol (10mg/kg, VO, durante a alimentação, SID, por sessenta dias, inicialmente) e o proprietário foi advertido da possibilidade de contágio e orientado para a adoção de práticas de prevenção da doença. Observou-se uma involução dos sinais clínicos iniciais, contudo não foi possível o acompanhamento durante todo o tratamento, em virtude da mudança residencial do animal para outra região.

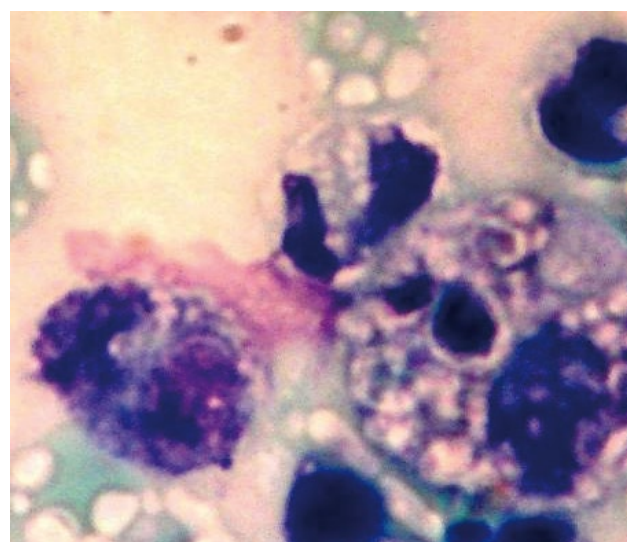


FIGURA 2. Fotomicrografia do exame citológico. Macrófago com estruturas intracitoplasmáticas arredondadas de tamanho variável e envolvidas por um halo claro, sugestivas de *S. schenckii* (objetiva de imersão).

radas, drenando um líquido serossanguinolento marrom-avermelhado, especialmente na cabeça, orelhas e tronco (SCOOT et al., 1996; HARVEY & McKEEVER, 2004). Nos cães acometidos, as lesões não são dolorosas nem pruriginosas, o fungo é difícil de ser encontrado nos exsudatos e geralmente os animais estão saudáveis (SCOOT et al., 1996).

Assim, as alterações relacionadas à esporotricose cutânea do paciente em discussão encontraram-se compatíveis com as descrições da literatura. Nos felinos com esporotricose, o número de microrganismos encontrados nos tecidos, exsudatos e fezes de animais infectados é maior do que em outros seres, o que aumenta

o risco de transmissão para as demais espécies (FARIAS 2000; HARVEY & McKEEVER, 2004). Nesse sentido, o ambiente no qual se encontrava o canino em questão poderia ser considerado um reservatório para a esporotricose, uma vez que possuía areia, matéria orgânica vegetal e presença de gatos peridomiciliados. Na maioria das vezes, a enfermidade evolui como infecção benigna, limitada à pele e ao tecido subcutâneo (BRUM et al., 2007), sendo essa forma da esporotricose denominada cutânea e correspondendo à que acometia o animal do presente relato.

A cidade de Mossoró, RN, na qual foi diagnosticada a esporotricose canina, encontra-se sob influência do clima tropical (BAPTISTA et al., 2005), estando de acordo com a epidemiologia do agente, o qual pode estar presente em regiões tropicais (SCHUBACH & SCHUBACH, 2000). O diagnóstico presuntivo pela citopatologia assim como o diagnóstico definitivo pela cultura podem ser dificultados pela reduzida quantidade do *S. schenckii* nos tecidos e secreções dos cães. Apesar de ser pouco frequente, a esporotricose canina deve sempre ser considerada no diagnóstico diferencial de lesões pápulo-nodulares ulceradas ou não, exsudativas, com ou sem linfadenite regional e não responsivas à antibioticoterapia (RAMADINHA et al., 2006). Com relação ao tratamento, o itraconazol tem se mostrado eficaz e seguro na terapia da esporotricose cutânea, em detrimento dos iodetos e cetoconazol, pelos efeitos indesejáveis desses agentes antifúngicos (JESUS & MARQUES, 2006). A terapia com o itraconazol é realizada por um período mínimo de dois meses e continuidade de trinta dias após cura clínica (CHIESA, 2007). Para o sucesso terapêutico, é necessário que o tratamento prossiga até que as lesões cicatrizem e as culturas sejam negativas (BRUM et al., 2007). Nos felinos, a esporotricose apresenta um potencial zoonótico significativo enquanto que, em cães, a doença tem um potencial zoonótico mínimo (SCHUBACH & SCHUBACH, 2000). Contudo, deve-se ter precaução ao se lidar com caninos infectados, exsudatos ou materiais contaminados desses animais (HARVEY & McKEEVER, 2004).

CONCLUSÃO

A esporotricose canina deve ser incluída no diagnóstico diferencial das dermatoses papulares, nodulares e ulcerativas nos cães domiciliados na cidade de Mossoró, RN. Embora esta micose subcutânea canina possua um significado reduzido em saúde pública, torna-se necessária uma investigação epidemiológica no Nordeste brasileiro, em virtude da escassez de descrições do *S. schenckii* nesta região.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, G. M. M.; CARVALHO, J. M.; CAMACHO, R. G. V.; BIAS, E. S.; ZARA, L. F. Variação sazonal da vegetação e da temperatura de superfície em Mossoró, RN, por meio de dados ASTER. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 12., 2005, Goiânia. *Anais...* Goiânia, 2005. p.2843-2850.
- BRUM, L. C.; CONCEIÇÃO, L. G.; RIBEIRO, V. M.; HADDAD JÚNIOR, V. Principais dermatoses zoonóticas de cães e gatos. *Clínica Veterinária*, n. 69, p. 29-46, 2007.
- CHIESA, S. C. Esporotricose: aspectos clínicos e terapêuticos. In: CONGRESSO PAULISTA DE CLÍNICOS VETERINÁRIOS DE PEQUENOS ANIMAIS, 7., 2007, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANCLIVEPA-SP, 2007. p. 76-78.
- FARIAS, M. R. **Avaliação clínica, citopatológica e histopatológica seriada da esporotricose em gatos (*Felis catus* – Linnaeus, 1758) infectados experimentalmente.** 2000. 97 f. Dissertação (Mestrado em Clínica Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, São Paulo, 2000.
- GREMIÃO, I. D. F.; LEME, L. R. P.; PEREIRA, S. A.; SANTOS, I. B.; HONSE, C. O.; FIGUEIREDO, F. B.; TROTE, M. N. S.; NASCIMENTO, K. C. S.; MIRANDA, L. H. M.; SILVA, J. N.; REIS, R. S.; SCHUBACH, T. M. P. Importância do exame citopatológico no diagnóstico presuntivo da esporotricose felina naturalmente adquirida. *Anclivepa Brasil*, n. 3, p.163-164, 2005.
- HARVEY, R. G.; McKEEVER, P. J. Dermatoses ulcerativas: esporotricose. In: HARVEY, R. G.; McKEEVER, P. J. **Manual colorido de dermatologia do cão e do gato:**

diagnóstico e tratamento. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. p.104-105.

JESUS, J. R.; MARQUES, S. M. T. Esporotricose cutânea em gato: relato de caso. **Clínica Veterinária**, n. 65, p.72-74, 2006.

MADRID, I. M.; SANTOS JÚNIOR, R.; SAMPAIO JÚNIOR, D. P.; MUELLER, E. N.; DUTRA, D.; NOBRE, M. O.; MEIRELES, M. C. A. Esporotricose canina: relato de três casos. **Acta Scientiae Veterinariae**, v. 35, n.1, p.105-108, 2007.

MEDLEAU, L.; HNILICA, K. A. Micoses cutâneas esporotricose. In: MEDLEAU, L.; HNILICA, K. A. **Dermatologia de pequenos animais**: atlas colorido e guia terapêutico. São Paulo: Roca, 2003. p. 51-52.

RAMADINHA, R. H. R.; AZEVEDO, S. C. S.; SOUZA, C. P.; CAMPOS, S. G. Esporotricose em cães: relato de 2 casos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ANCLIVEPA, 27., 2006, Vitória. **Anais...** Vitória: ANCLIVEPA-ES, 2006. p. 46.

SANTOS, I. B.; OKAMOTO, T.; SCHUBACH, T. M. P.; FIGUEIREDO, F. B.; QUINTELLA, L. P.; PEREIRA, S. A.; LEME, L. R. P.; HONSE, C. O.; REIS, R. S.; TORTELLY, R.; SCHUBACH, A. O. Esporotricose espontânea em cães: aspectos histopatológicos e micológicos. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 57, supl.1, p. 76-77, 2005.

SCHUBACH, T. M. P.; SCHUBACH, A. O. Esporotricose em gatos e cães: revisão. **Clínica Veterinária**, n. 29, p. 21-24, 2000.

SCOOT, D. W.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. Doenças fúngicas da pele: esporotricose. In: SCOOT, D. W.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. **Muller & Kirk: dermatologia de pequenos animais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Interlivros, 1996. p. 333-336.

SONODA, M. C.; OTSUKA, M.; FERRER, L. C.; FONDVILLA, D.; MICHALANY, N. S.; VIEIRA, S. A. M.; GAMBALE, W.; LARSSON, C. E. Esporotricose canina: relato de caso insólito em São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ANCLIVEPA, 27., 2006, Vitória. **Anais...** Vitória: ANCLIVEPA-ES, 2006. p. 21.

Protocolado em: 24 out. 2007. Aceito em: 23 out. 2008.